



PRESS MONITORING

TRATAMENTOS

Doentes exigem mais qualidade

EDUARDA FERREIRA
 eduarda.ferreira@jn.pt

Antes, bastava a melhoria do estado de saúde; agora, o doente procura nos hospitais a melhoria da qualidade de vida e deseja qualidade nos serviços. Estudos feitos por um grupo de reflexão constataam esta realidade.

O retrato e a atitude dos cidadãos estão a mudar face aos hospitais, considera um conjunto de peritos nacionais que estuda temas de saúde e que na reflexão anual de que ontem deu conta se dedicou à análise da “Reorganização dos Cuidados Hospitalares”. Luís Campos, que preside à Sociedade de Medicina Interna, uma das entidades participantes no grupo de reflexão “Saúde em Rede”, transmitiu conclusões a uma plateia reunida na reitoria da Universidade Nova de Lisboa nas quais são registadas mudanças por parte de quem é tratado nos hospitais portugueses. Hoje em dia, disse, há aspectos que os doentes ou famílias avaliam, desde a acessibilidade ao grau de conforto, à segurança e ao respeito. Por outro lado, se os avanços médicos e tecnológicos têm sido notórios, também por isso os hospitais recebem doentes cada vez mais idosos, com maior incapacidade e mais doenças crónicas. Isto influencia outra realidade: 95% dos internados em hospitais têm necessidade de intervenção/apoio social. E, se melhora-

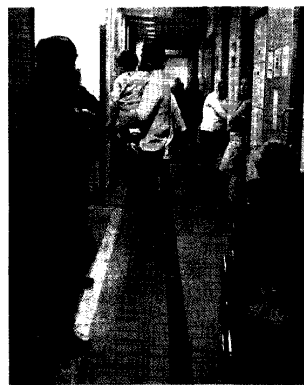
ram as condições de acesso, adiantou Luís Campos, regista-se “uma deficiente articulação entre os hospitais e os cuidados continuados e uma deficiente resposta aos doentes crónicos”.

A análise sobre a organização dos cuidados hospitalares foi feita por 25 peritos das entidades parceiras deste grupo de reflexão (Escola Nacional de Saúde Pública, Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Hospitalar, Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares e Associação Portuguesa de Médicos de Clínica Geral). Outra das conclusões refere a necessidade de pessoal de saúde cada vez mais especializado. “Mas”, advertem os peritos, “os doentes precisam também de generalistas que os vejam como um todo”. Já antes, Manuel Delgado, da Associação Portu-



guesa de Administradores Hospitalares, indicara como ideal a existência de “um gestor do doente, que o acompanhasse no tempo de internamento” como elemento aglutinador das informações e cuidados prestados, num papel passível de ser desempenhado por médicos generalistas.

Também Manuel Delgado, ao abordar a organização interna dos hospitais, acentuou a “elevada especialização da mão-de-obra e o trabalho intensivo”, circunstâncias que deverão ser ter peso no estímulo ao mérito de profissionais e equipas. Mas os incentivos, afirmou, “até podem ser desmotivantes se forem mal dados”. ■



Um gestor do doente é preconizado para acompanhamento na estada hospitalar

